

Sujeito, Narrativa e Localização: O Espaço na Construção da Identidade¹

Paulo Bessoni²

Liziane Guazina³

Fernanda Martineli⁴

Universidade de Brasília, Brasília, DF

Resumo

Presentes na composição das construções identitárias, as noções de espaço são, muitas vezes, desenvolvidas em relação a lugares. Partindo da diferenciação teórica dos dois conceitos, este artigo é uma análise que pontua algumas especificidades inerentes aos processos de transformação de pertencimento intermediados pelas novas tecnologias da comunicação. Por meio destas, são estudadas as implicações do espaço no desenvolvimento das identidades, com especial ênfase sobre as identidades contemporâneas. A análise se divide a partir dos trabalhos de três autores principais: Georg Simmel, Paula Sibilia e Stuart Hall. As exposições deles servem como referências à formação de identidades de sujeitos vinculada a noções de pertencimento e espaço, e seus desdobramentos a partir das transformações da comunicação na contemporaneidade.

Palavras-chave

Identidade; pós-modernidade; espaço; indivíduo; coletividade.

1.0 – Introdução

No cerne do pensamento acerca da construção de identidade situa-se, de modo estruturante, o papel do espaço. Quer entendendo-o como elaboração mental dos indivíduos, quer relacionando-o à interação entre o lugar concreto e as expectativas abstratas, as relações espaciais que construímos são dignas de reflexões. O tema evoca questões interdisciplinares, pois mobiliza campos de pesquisa que se dedicam ao estudo das cidades e migrações, das novas tecnologias da comunicação e informação, entre outros. Nos diversos casos, de forma mais ou menos evidente, emerge a noção de espaço como componente de identificação.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluno de Graduação 2º semestre do curso de Comunicação Social da UnB; email: paulo_bessoni@hotmail.com

³ Orientadora do Trabalho. Professora da Faculdade de Comunicação da UnB; email: liziane.g@uol.com.br

⁴ Orientadora do Trabalho. Professora da Faculdade de Comunicação da UnB; email: nandamartineli@yahoo.com.br

Este trabalho é um estudo exploratório vinculado a uma investigação de maior porte tendo, portanto, um caráter introdutório à problemática mais ampla aqui apresentada. Dentro de uma abordagem teórica a respeito de crises existenciais, atrai atenção o fato de as noções de pertencimento e espaço – sendo este relativo a condições nem sempre concretas – articularem-se na construção de identidades. Seja na formação e sobrevivência de povos e etnias mais ou menos bem delimitadas, seja nas experiências mais subjetivas do próprio indivíduo, a construção de um *pertencer* é permeada por ideias que, por vezes, não se esclarecem na existência cotidiana. Por meio das novas tecnologias da comunicação, constata-se as transformações que conduziram o sujeito pós-moderno a uma realidade que o permite elaborar uma narrativa em que as percepções temporais e espaciais sejam também transformadas, nas quais se cria possibilidades para destruir as distâncias e suprimir o tempo. Essa engenhosidade pode ser verificada desde o desenvolvimento primitivo de meios de comunicação. De acordo com Francisco Rüdiger, “Nos séculos XVIII e XIX, a expressão [comunicação] raramente era problematizada, referindo-se, sobretudo aos meios de transporte e suas vias de circulação” [RÜDIGER, 2011, p. 13]. Isso nos serve de ilustração ao fato já expresso, o de que pretendemos com a comunicação estabelecer *vínculos, relações*. A separação é geralmente absorvida pelo sujeito aqui abordado como sendo algo problemático, que precisa ser sanado.

Não nos detendo na questão de por que as noções de espaço são de difícil assimilação, o objetivo deste estudo é entender como se processam tais noções na contemporaneidade. Compreendemos para isso que os meios de comunicação e, por assim dizer, de relação, são importantes catalisadores da criação de um *espaço global* – no qual as trocas simbólicas se dão de maneira mais facilitada –, bem como contribuem para a própria intensificação de tais trocas por meio de comunidades de compartilhamento virtual. Ao termos acesso a universos significativos tão distantes dos nossos, ao mesmo tempo em que podemos suprimir a separação de um ente querido por meio de uma mensagem de celular, de um email ou de um chat online, nossas noções de espaço e pertencimento são modificadas em alguma medida.

São mobilizados neste artigo alguns conceitos de autores em épocas e lugares distintos por que as questões que trouxeram explicitam alguns dos efeitos que podem ser observados nas relações espaciais. Dessa forma, especialmente por estarem separados e abordarem temáticas variadas, traduzem como a problemática central deste trabalho perpassa diferentes momentos e se constroi também historicamente. Em primeiro ponto,

devemos referenciar nosso entendimento de identidade cultural – ou de *identificação* – a Stuart Hall. Posteriormente, fazemos recortes abarcados por ideias de Paula Sibilia em *O Show do Eu* (2008) e de Georg Simmel em *A Metrópole e a Vida Mental* (1903). Muitos outros autores, no entanto, são procurados no intuito da construção do argumento.

A escolha pelo tema é permeada por diversas reflexões pessoais, com as quais são articuladas ideias trazidas pelos autores utilizados como eixo teórico. Além disso, faz-se necessária a busca pela compreensão de nossas próprias dinâmicas de pertencimento espacial e o local onde nos inserimos como indivíduos e como sociedade. Se é por meio das novas formas de interagir e comunicar que somos afetados – e que afetamos -, nada mais espontâneo que tentar entender em que ponto se situam nossas relações efetivas a partir dos meios que produzimos e das culturas nas quais vivemos.

2.0 – O Espaço na Construção de Identidades

Um dos pontos centrais que movimentaram a confecção deste artigo foi a observação das novas formas de comunicação suscitadas pelos meios e tecnologias mais recentes. Algumas das primeiras reflexões recaíram sobre os celulares, como meios, e as redes sociais, como ambiente de construção identitária. A possibilidade de abstração espacial trazida por eles supera tecnologias concomitantemente disponíveis, a exemplo dos telefones de linha fixa. A partir disso e, inserida num contexto de questionamentos acerca da construção de identidades, podemos tecer uma análise de alguns significados possibilitados por essas novas comunicações.

Em primeiro lugar, partindo de alguns conceitos que delimitam, para fins teóricos, de que exatamente falamos quando nos referimos a *espaço*, em contraposição a *lugar*. É importante salientar o caráter temporal presente nas próprias noções de espaço. Assim sendo, quando medimos distâncias em tempo de percurso – dizendo, por exemplo, que o deslocamento entre dois pontos é de cinco minutos –, não estamos fazendo uma confusão conceitual. Estamos apenas expressando a própria natureza interdependente de conceitos que insistimos em separar, a fim de compreendermos.

Em nossos discursos, o tempo é constantemente transformado em espaço. De acordo com Paula Sibilia, a própria maneira de construir narrativas – e nestas pode-se incluir a narrativa do *eu* – é baseada em distâncias temporais, bem como espaciais. Assim, histórias contadas nos capturam porque vêm de *lugares* distantes ou de épocas remotas. Isso é, obviamente, uma constatação apenas inicial da inseparabilidade desses conceitos na vida

prática e cotidiana. O que interessa no âmbito deste artigo é, sobretudo, examinar, para além dessa característica mental dos indivíduos, como as noções de *espaço*, *lugar* e *tempo* estão unidas na construção de pertencimento na contemporaneidade.

2.1 – Criação Mental do Sujeito

Diversos avanços tecnológicos e científicos trouxeram-nos novas possibilidades de organização das nossas vidas. Foi sobre as formas de comunicar, contudo, que erigiu-se nossa sociedade ocidental, movida pela “informação verificável” (SIBILIA, 2008, p. 42). São as novas tecnologias que criamos que nos elevam pontes antes inimagináveis, põem-nos em contato com culturas diversas das nossas, facilitam nossas trocas de conhecimento e bens, entre outras coisas. É justamente nesta troca onde se dá o fenômeno da comunicação: a partir do momento em que nossos universos simbólicos estão em maior contato com outros, conduzindo-nos a novos entendimentos relativos a identificação e estranhamento.

A questão do que resultaria desta troca já foi largamente discutida, trazendo-nos análises que preconizavam a morte das identidades nacionais em função de uma identidade global. Esse *espaço global* que aos poucos se cria não tem, entretanto, posto termo a construções de pertencimento locais, mas antes tem aberto portas novas que possibilitam a re-significação da própria construção identitária. Tem-se mais acesso a culturas distintas, na medida em que se busca facilitar o intercâmbio de informações. Intercambiamos, no entanto, não apenas informações, mas também hábitos, idiomas, vestimentas, uma série de outras formas de significar.

O espaço que criamos mentalmente, e que acumula diversas dimensões tanto sociais quanto pessoais, não diz necessariamente respeito ao lugar que nos circunda. De acordo com Giddens, deve-se tratar por *lugar* o que existe de concreto, enquanto a definição de *espaço* queda-se com o que há de abstrato. Pode-se entender, a partir disso, que o abstrato não exclui, de qualquer forma, as implicações de localização. Se o espaço é uma construção da mente, devemos entendê-lo como uma conformação de diversos fatores, entre eles os relativos a lugares. Nas palavras de Giddens:

A modernidade separa, cada vez mais, o espaço do lugar, ao reforçar relações entre outros que estão ‘ausentes’, distantes (em termos de local), de qualquer interação face a face. Nas condições de modernidade (...), os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles (GIDDENS, 1990, p. 18).

A abordagem trazida por ele é útil porque, apesar de se referir especificamente ao sujeito moderno, esclarece motivações plurais intensificadas no sujeito pós-moderno. Se o lugar permanece inalterado – um indivíduo em seu escritório, comunicando-se por meio de um chat com outro a dois mil quilômetros de distância –, é sobre o espaço que recaem as alterações mencionadas. Alterações essas que abarcam de um lado o lugar concreto, e de outro as novas experiências trazidas pelo próprio fenômeno da comunicação. Cria-se com isso a necessidade de uma nova forma de se compreender as dimensões do eu. Não se trata mais do narrador tradicional, “trancado em seu quarto” (SIBILIA, 2008, p. 46), a um só tempo espaço e lugar. Trata-se de um novo ser que se expõe, inconscientemente rompe com os antigos parâmetros de definição do *público* e do *privado* e constrói novos tipos de narrativas. Tipos esses, aliás, que não mais se conformam com o espaço da cidade e com o tempo da vida burguesa. Transpõem, em lugar disso, a localização com muito mais intensidade que a com que o fizeram seus antepassados narrativos. Se é o conteúdo expresso numa mensagem de celular que pode atravessar o país em segundos, e não apenas o próprio indivíduo, que o faria num tempo mais longo, transformam-se nossas próprias formas de entendimento do eu. Assim como é transformado, também, nosso pertencer a um lugar, um bairro ou cidade, por conta dos inúmeros estímulos que nos são transferidos de tantos outros lugares.

2.2 – A Metrópole e a Vida Pública

Georg Simmel, em *A Metrópole e a Vida Mental* (1903), faz uma análise dos impactos sobre a identidade do sujeito moderno decorrentes das alterações introduzidas na vida do espaço urbano a partir da modernidade. Explicita, com isso, determinadas transformações pelas quais passou a vida na cidade que transformam também o comportamento individual e social. Precisamos ter em mente que sua análise se relaciona aos fins do século XIX, época fortemente marcada pelas precedentes Revoluções Industriais e Científicas, que ademais nos impulsionaram ao ponto tecnológico a que chegamos. Foi nesse momento que mais esteve evidenciada a mudança brusca pela qual passaram a sociedade – que se tornava, então, mais próxima ao que hoje conhecemos – e o próprio indivíduo, que teve seu lugar transformado em função de sua vida prática.

Quando afirma que “Assim como um ser humano não se esgota nos limites de seu corpo ou do distrito que ele preenche com sua atividade imediata, mas somente na soma dos efeitos que se irradiam dele temporal e espacialmente (...)” (SIMMEL, 1903, p. 10), salienta

especialmente o caráter expansivo da atividade ou da consciência humana, ou seja, que os indivíduos e sociedades não se resumem a narrativas de “intimidades inventadas” (SIBILIA, 2008, p. 29). Assim sendo, podemos compreender sua comparação do homem com a cidade como sendo representativa das diversas mudanças que se processam nas identidades culturais a partir da alteração do lugar e do espaço. De fato, o eu narrativo se constroi a partir também dessas esferas, como explica Sibilia ao mencionar as novas formas de comunicação instantâneas como transformadoras da própria linguagem.

Ainda no que se refere ao homem moderno, podemos observar noções espaciais que alteram drasticamente a subjetividade do sujeito. “Assim como toda subjetividade é necessariamente *embodied*, encarnada em um corpo, ela também é sempre *embedded*, embebida em uma cultura intersubjetiva” (SIBILIA, 2008, pag. 16), que, no referido caso, articula-se com os adventos da modernidade. Se o sujeito moderno está ligado às novas formas de pertencer socialmente, o sujeito pós-moderno não é diferente. Apenas que nossos meios mudaram, e mudaram também nossas formas de produzir culturas. De acordo com Simmel:

O desenvolvimento da cultura moderna caracteriza-se pela preponderância daquilo que se pode denominar espírito objetivo sobre o espírito subjetivo, isto é, tanto na linguagem como no direito, tanto na técnica de produção como na arte, tanto na ciência como nos objetos do âmbito doméstico encarna-se uma soma de espírito, cujo crescimento diário é acompanhado à distância cada vez maior e de modo muito incompleto pelo desenvolvimento espiritual dos sujeitos (SIMMEL, 1903, p. 12).

As cidades se converteram em grandes e populosos centros de habitação. Neste ponto, a comparação com cidades pequenas é o que se evidencia de mais concreto. Segundo Simmel, enquanto na vida destas, as relações interpessoais são aparentemente mais constantes e sólidas, nas grandes metrópoles – o que hoje ainda se pode verificar, guardadas as devidas especificidades – os indivíduos se relacionam de formas menos expansivas e mais introspectivas. Numa referência ao surgimento da burguesia, Sibilia explica que foram trazidos com essa classe novos pensamentos acerca da individualidade que, em contraposição a períodos anteriores, destacavam as noções de individualidade sobre as de coletividade. Assim sendo e, em função da concentração nos núcleos urbanos, evidenciavam-se iam novas relações e problemáticas entre os indivíduos, que eram também a expressão das falhas e reestruturações de novas formas de comunicação. Assim, nos termos de Simmel:

Em parte por conta dessa situação psicológica, em parte em virtude do direito à desconfiança que temos perante os elementos da vida na cidade grande, que passam por nós em um contato fugaz, somos coagidos àquela reserva, em virtude da qual mal conhecemos os vizinhos que temos por muitos anos e que nos faz frequentemente parecer, ao habitante da cidade pequena, como frios e sem ânimo (SIMMEL, 1903, p. 7,8).

A falta de ânimo se refere especialmente ao caráter *blasé* mencionado por ele, que demonstra, acima de tudo, como as relações espaciais afetam as próprias personalidades dos seres humanos. Dentro desse contexto de vida moderna e, tornando ainda mais complexos os processos de formação de identidade, temos que, assim como a vida na metrópole é absolutamente social – pelo que já foram mencionados os impactos sociais no indivíduo –, existem manifestações mais pessoais do mesmo fenômeno. O exemplo que será trabalhado na próxima seção e diz respeito especialmente a isso, refere-se ao espaço pessoal, o quarto, o lar, entre outros.

2.3 – O Quarto e o Espaço Privado: Criação de Personagem

“Tive vontade de ir para o meu quarto, de trancar a porta à chave, de ser eu mesma, por mais feia que fosse” (LISPECTOR, 1984, p. 187). Estas palavras, escritas por Clarice Lispector para o *Jornal do Brasil*, ilustram primariamente o que será discutido nesta seção. Na crônica, intitulada *Liberdade* (1969), Lispector nos relata um episódio em que penteou seus cabelos de determinada forma desagradável ao filho. Este, ao perceber, reclamou à sua mãe o fato de que seus cabelos estavam feios. A asserção feita pela personagem evidenciamos, portanto, um ponto crucial no desenvolvimento dos indivíduos: a construção de um espaço pessoal.

Esse tema já foi trabalhado de variadas formas, e encontra-se estreitamente ligado ao já mencionado. Principalmente no próprio desenvolvimento da literatura, a necessidade do espaço íntimo, onde é atestável a liberdade para *ser eu* – um *eu* narrativo, formado em conformidade com a linguagem –, esteve fortemente presente. O *eu* de Lispector encontrava condições de se manifestar plenamente, ainda que fosse *feio*, no seu quarto, seu espaço de criação abstratamente erigido para ser livre de empecilhos. Espaço em que, ademais, não se encontrava diante da consciência assombrosa e onisciente da sociedade – ainda que fosse um ser social –, e onde poderia executar-se de maneira completa.

Paula Sibilia (2008) traz em seu livro uma referência a Virgínia Woolf nesta mesma questão. Em resumo, a escritora inglesa se considerava um indivíduo de sorte em termos de

escrita. Respondendo a uma pergunta numa série de conferências ministradas em duas universidades na Inglaterra, em 1928, afirmou que as mulheres não haviam produzido tantos romances até então porque não possuíam quarto próprio. Após isso, Sibília opera uma breve contextualização na história burguesa, explicando que a própria criação de aposentos particulares tinha sido um fator recente. Anteriormente à modernidade, não era comum a concepção de que o sujeito tinha necessidade de um ambiente em que pudesse estar só. O quarto, o aposento particular, coincidiu, portanto, com o advento de novos gêneros literários, entre os quais o romance, os diários particulares e as cartas. Suas rápidas difusões se deram justamente por encontrarem interlocutores. Nas cartas e nos diários, os sujeitos se colocavam em sua forma mais absoluta.

Mas o que exatamente é o quarto, e qual seu significado simbólico? Cumpria-se que, no cenário circundante aos escritores do século XIX, o surgimento da Modernidade e a vida em grandes áreas urbanas, já abordadas na seção anterior, acabavam por acentuar o caráter introspectivo dos indivíduos. Em meio ao turbilhão de acontecimentos sociais que se desenrolavam numa velocidade exasperante, os sujeitos modernos precisavam encontrar a forma mais acertada a fim de que manifestassem suas criações mentais. Elas acabaram se provando bem semelhantes no sentido de encontrar um espaço individual, que separasse o sujeito da coletividade apressada. O quarto era, por isso, o local onde o indivíduo poderia se retirar da vida pública e encontrar um ambiente mental que proporcionava diferentes possibilidades de reflexividade. A ênfase da individualidade se dava especialmente pela necessidade de se encontrar a narrativa do eu de cada um. Cada sujeito precisava de um espaço em que pudesse ser alguém, “por mais feio que fosse” (LISPECTOR, 1969, p. 187). A intimidade auxiliava na composição dessa narrativa subjetiva em que o indivíduo podia se encontrar para, então, narrar-se para si mesmo.

O quarto, como lugar concreto, serve ao sujeito-escritor moderno como anteparo material para sua projeção do eu, que é mental, abstrata e discursivamente construída. Ali, ele encontra espaço adequado para exprimir sua existência, ou melhor, para entendê-la por meio da linguagem. Ao explicar que “De preferência, esse aposento estaria situado no coração de uma confortável casa burguesa; contudo, seu caráter não mudaria se fosse um pequeno quarto alugado em uma pensão qualquer” (SIBILIA, 2008, p. 62), Sibília evidencia que a relação espacial é mais importante na criação do eu que a própria relação concreta. Não era o quarto em si, como ambiente material, burguês, etc., mas o espaço criado na interação entre um aposento particular e o sujeito o que realmente importava.

2.4 – Nações: Espaço em Comunidades Imaginadas

Stuart Hall coloca, em *Identidades Culturais na Pós-Modernidade* (1996), o caráter plenamente discursivo das nacionalidades. Quando fala sobre “comunidades imaginadas” (HALL, 2006, p. 51), o que pretende é inculcar em seu texto a noção de que as culturas nacionais, assim chamadas, são em verdade representações. Assim, por meio da representação é que se dão as relações de identificação cultural. Quando afirmamos que somos brasileiros, não estamos explicitando um caráter naturalmente constitutivo de nossas vidas. Estamos, antes, delimitando discursivamente uma identificação que nos perpassa por afiliação cultural. É culturalmente construído o fato de que somos de uma nacionalidade, e não de outra – isso em termos de identidade. Afora as questões institucionalizadas que vinculam os cidadãos brasileiros, ao pensar em um *ser brasileiro* temos em mente um personagem narrado.

O que diferencia, assim, os brasileiros dos argentinos? Não são as meras relações de lugar concreto, porque temos em vista o fato de que lugares são constantemente transformados ao longo da história. O que nos diferencia é um discurso nacional, apoiado em noções de identidade cultural. Há, por um lado, o vínculo ao território do país, mas esse é também discursivamente construído.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas nações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2006, p. 50)

Um exemplo que ilustre esse fato é a questão sionista. No discurso judeu relativo a esta corrente, encontra-se a primazia referencial a um território nacional, uma pátria. Aliás, tendo em vista que o povo judeu se constituiu como tal, embora tenha permanecido distante de um lugar físico que pudesse vincular a sua identidade cultural, podemos perceber que o que constrói a própria noção de pertencimento é o discurso. Não foi a terra concreta que uniu os judeus através do século, mas um forte sentimento trabalhado por meios imateriais – a própria literatura, por um lado, e as histórias contadas de mãe para filho. Assim, a noção de pertencer a um povo se dá por meios materiais, a exemplo do lugar, mas principalmente por meios comunicativos. São as relações que aproximam os sujeitos.

A questão da conversão judaica entra nesse mérito. Como se processa uma transformação de um indivíduo não judeu em um que de fato o seja? E como, passando por uma conversão religiosamente permeada, torna-se tal indivíduo também parte do povo? Essas noções são confusas para os que estão de fora, porque estes estão habituados a localizar o pertencimento étnico a questões mais próximas da já mencionada institucionalização. Não se entende, por exemplo, um processo de naturalização – termo, aliás, controverso – de um indivíduo como sendo uma mudança de fato. Assim, somos brasileiros por que aqui nascemos ou por nossa cultura? Porque, neste ponto, encontraríamos a possibilidade de *abrasileiramento* ou mesmo do contrário. Uma pessoa se torna judia por apreender a identidade. Assim como o próprio Brasil se divide em estados, cidades, entre outros, por noções de pertencimento que são criadas por meio de discursos.

Voltando, porém, à questão do espaço, os parágrafos precedentes servem como gravura daquilo que pode ser a noção espacial de uma comunidade imaginada. Não são apenas as ruas concretas da cidade do Recife, ou suas pontes e rios como matéria o que constroi nos recifenses a noção do espaço. É, além disso, a história que ficou vinculada a essas ruas, os personagens que por elas passaram, a memória que se formou nas mentes de todos e que os faz “compartilhar um mesmo objeto de consciência” (MARTINO, 2007, p. 14). A história, para ser escrita, utiliza-se de anteparos materiais, meios, que são culturalmente rememorados, assim como um romance era escrito sobre papel, no século XIX, embora seu entendimento ultrapassasse em muito a matéria da celulose. Aliás, as palavras que antes eram grafadas em papel, hoje também podem ser digitadas. O papel no qual se escrevia, ou a tela na qual se assiste a um vídeo podem ser compreendidos como o lugar que está vinculado a um espaço, que não o limita, mas simboliza. Ademais, os meios mudaram. Não foram necessariamente substituídos, no entanto: outros foram criados. O que nos faz refletir sobre os meios de comunicação como transformadores e construtores do espaço coletivo e individual.

2.5 – O Espaço na Concepção Pós-Moderna

O desenvolvimento das noções espaciais dos sujeitos modernos, assim como o dos sujeitos de diferentes épocas, deu-se especialmente por intermédio da comunicação. Como já mencionado, a comunicação humana que interessa no âmbito deste trabalho é aquela relacionada ao desenvolvimento de relações e ao estreitamento de vínculos. Assim, constantemente produzimos conteúdos imbuídos de significados, anteparados pelos mais

variados meios e tecnologias, a fim de despirmos nossas comunicações de seus problemas de mais frequente incidência.

Nesse cenário, a pós-modernidade se construiu de forma muito mais conectada à comunicação e a seus meios. Não se trata, contudo, da dependência que muitos afirmam termos criado de tecnologias, nem do condicionamento que elas nos impõem. Afastando-nos do discurso de tais visões deterministas, o que mais interessa aqui é destacar a forma *interdependente* de nossas comunicações. O indivíduo pós-moderno utiliza celulares e redes sociais – e redes sociais nos celulares – porque se reveste dessa aura discursivamente permeada pela *necessidade*. Tem necessidade de comunicar, de se relacionar com o mundo a sua volta. Assim como escreviam cartas os sujeitos que os precederam, utilizando-se da tranquilidade de seus quartos, escreve ele emails, digita *tweets* nos quais condensa seus pensamentos. Não se relaciona com essas formas, no entanto, com a introspecção necessária à confecção de um romance. Em lugar disso, escreve em seu celular de qualquer ponto das cidades, e também lê notícias e atualizações de perfis de conhecidos em redes sociais com a mesma facilidade de acesso.

Se antes foram criadas comunidades imaginadas que fortaleciam seus laços de variadas formas, as comunidades que são criativamente imaginadas pelo sujeito pós-moderno são também virtuais. Não se trata unicamente de países, cidades, bairros, guetos, mas de grupos de amigos que trocam mensagens online, de listas de parentes com os quais se pode ter uma conferência por vídeo – ainda que estejam estes a longas distâncias – e, mais surpreendentemente, de comunidades de pessoas desconhecidas com as quais é possível compartilhar músicas, filmes, entre outras coisas. As noções de pertencimento desse sujeito não se referem exclusivamente ao povo do qual faz parte, mas também a essa *comunidade global*, esse espaço de circulação de significados que pode atingir os mais variados lugares do planeta. Suas próprias identidades culturais baseadas no lugar, aliás, podem ser reafirmadas por meio do uso das novas tecnologias. As relações novas que são criadas é que são, muitas vezes, estritamente virtuais. Lida-se, por isso, com um espaço que não apaga das memórias do sujeito os lugares em que vive, mas os re-significa, dá-lhes novos sentidos para construções aparentemente tão díspares. A esse respeito, Sibilia afirma que:

(...) se popularizaram os canais de bate-papo ou chats, que logo evoluíram nos sistemas de mensagens instantâneas do tipo MSN (...) Essas novidades transformaram a tela de qualquer computador em uma janela sempre

aberta e ‘ligada’ a dezenas de pessoas ao mesmo tempo. (...) jovens do mundo inteiro freqüentam e ‘criam’ *espaços* semelhantes [SIBILIA, 2008, pag. 12, grifo meu]

No trecho acima, podemos encontrar a âncora para alguns pensamentos. Em primeiro lugar, é importante ressaltar o caráter de virtualidade que adquiriram a pós-modernidade e as noções de espaço que com ela cresceram. É evidente que não *trocamos* nossas relações interpessoais físicas por algumas que sejam exclusivamente virtuais. Da mesma maneira, não *substituímos* nossas noções de pertencimento ou reflexões intrapessoais por um modelo absolutamente novo. O que existe é, antes, uma aglutinação de tais modos. Isso que, ademais, faz-nos alcançar um estado de espírito diferente do *blasé* de que nos fala Simmel, mas igualmente sintomático. Estado de crise em que a contraposição entre as novas tecnologias e as antigas evidencia o caráter transitório e transformador da vida. Seja na efemeridade romântica do século XIX, ou na rapidez com que se processam comunicações de longa distância no século XXI, a sensação de espanto que atinge o sujeito é presente, ainda que relativa a especificidades.

No caso da pós-modernidade, isso se torna mais intenso pelos motivos óbvios dos meios catalisadores, que podem enrijecer os problemas que envolvem comunicações, tendo em conta a intensidade pulsante da troca de significados. Na construção de noções espaciais, misturam-se as relações do aqui e agora, ou seja, os contatos que fazemos em nossa vizinhança, as relações com os familiares próximos, etc., e os pertencimentos de longa distância, nos quais se salienta a característica supressiva dos meios. Com isso, o que mais observamos a respeito das redes sociais e dos celulares é o fato de eles poderem encurtar distâncias. Distâncias que, embora não concretas, fortalecem a abstração espacial e em nós sedimentam essas construções de significados coletivos e mentais, em que se entende a emergência de um *espaço global* e de uma aproximação de culturas no mesmo sentido da aproximação de consciências expressa por Martino. Porque, enquanto a televisão trazia para dentro de casa a vida de determinado grupo social distinto, o Facebook não apenas a traz, como também leva a nossa a indivíduos fisicamente ausentes, por vezes, desconhecidos.

O espaço é, portanto, essa plataforma imaginada, na qual se processam relações, noções de pertencimento e culturas. Sua associação direta ao lugar não é natural – nem deve ser naturalizada –, tendo em vista ser este último uma limitação do concreto. Não é impeditivo, para um povo ou qualquer outro grupo social, que sua constituição em torno de um ideal comum não seja materializada por um lugar físico. Nossos sistemas simbólicos,

entre cujas razões se pode pensar a aproximação, a troca de pensamentos, não se restringem ao ponto do lugar físico. A própria virtualidade é uma manifestação simbólica que, embora anteparada em meios e tecnologias materiais, supera-os em significado e alcance. O celular, por exemplo, encontra-se na perspectiva de um meio que transforma o espaço e intensifica as interações realizadas por meio deste.

Podemos pensar, a partir disso, dois possíveis entendimentos: o primeiro concerne às identidades como sendo produtos em cuja equação entram os espaços abstratos, essas específicas plataformas imaginadas; o segundo, por outro lado, diz respeito ao lugar como sendo mais um dos fatores de pertencimento coletivo e individual. No processo de identificação do sujeito, ambos estão interconectados, as duas esferas se relacionam de maneira dependente. Somos ligados, por um lado, aos lugares de onde viemos, onde habitamos etc., mas somos também frutos das abstrações estruturantes aqui representadas pelo que se pode chamar de espaço.

3.0 – Considerações Finais

A individualidade é um objeto bastante contraditório de análise. Curiosamente, vemo-la fortalecida em meio a toda a tempestade de informações e conteúdos que recebemos a cada instante. As identidades são, assim, uma construção ao mesmo tempo pessoal e social. Pessoal porque resultam de interação que subentende “atividade realizada conjuntamente” (MARTINO, 2007, p. 13), para a qual é necessário que os diversos atores estejam envolvidos. Social porque é exatamente a re-significação do que se recebe em sociedade, em conformidade com as experiências individuais, que produz o sujeito.

A espacialidade se relaciona diretamente com a construção de identidades, assim como as noções de pertencimento, por serem fatores discursivamente desenvolvidos. O caráter simbólico do indivíduo pode ser apreendido em suas comunicações, tanto do ponto de vista de estabelecer vínculos, quanto das formas criadas por ele. Nesse ínterim, as novas tecnologias da comunicação e da informação põem em evidência os discursos criados e seu processo de criação, tornando de maior acesso o consumo de cultura. Os espaços, por conseguinte, alteram-se na medida em que modificamos códigos que nos orientaram outrora, a fim de erigirmos novos.

As redes sociais e os celulares acabam por criar novos espaços de interação e troca de conteúdos. Nesse sentido, podemos pensar, por exemplo, em novas relações de consumo que se configuram também a partir dos compartilhamentos de arquivos online - eles são

apenas uma ilustração de que, aos poucos, são construídas relações que dispensam antigos meios ou os utilizam de outras formas. Outra possibilidade de estudo reside nos processos migratórios, pois estes evidenciam o estreito contato que há entre espaço e lugar – contato que vai sendo aos poucos transformado – na formação de pertencimentos.

O pensamento pós-moderno trabalha no sentido de fortalecer as noções de espaço como sendo de vital importância para as identidades. Ao mesmo tempo, demarca especificidades que distinguem espaço e lugar, salientando a possibilidade de comunicação e relação a despeito do que antes se pensava ser determinante. O sujeito pós-moderno cria para si, com o tempo, um ambiente que mescla realidade e virtualidade, um ambiente imaginado e fundamentado no discurso. Dessa forma, apesar de fazermos com que apareçam outros problemas, denotamos o caráter cultural de construção de nossas realidades.

4.0 – Referências Bibliográficas

- HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2006. 102 p.
- _____. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG/Brasília: UNESCO, 2003.
- SIBILIA, Paula. **O Show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2008.
- SIMMEL, Georg. As Grandes Cidades e a Vida do Espírito. In: **Mana**: estudos de antropologia social, vol. 11, n. 2, out 2005, p. 577-592. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu nacional do Rio de Janeiro – UFRJ, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco; 1999. 478 p.
- RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. 1. ed. Porto Alegre: Penso; 2011, 152 p.
- MARTINO, L. C. De qual Comunicação estamos falando? In: FERREIRA, G.M, _____. **Teorias da Comunicação**: epistemologia, ensino, discurso e recepção. 1.ed. Salvador: EDUFBA; 2007. 268 p.